



JEFFERSON DA COSTA MOREIRA

O CONCEITO DE FRIEZA PARA PENSAR A MODERNIDADE

**LAVRAS-MG
2021**

JEFFERSON DA COSTA MOREIRA

O CONCEITO DE FRIEZA PARA PENSAR A MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Filosofia da Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH da UFLA, apresentado pelo aluno **Jefferson da Costa Moreira** (matrícula 201611306), para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Roney Wagner Vieira
Orientador

LAVRAS-MG
2021

JEFFERSON DA COSTA MOREIRA

O CONCEITO DE FRIEZA PARA PENSAR A MODERNIDADE

THE CONCEPT OF COLDNESS TO THINK ABOUT MODERNITY

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Filosofia Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH da UFLA, apresentado pelo aluno **Jefferson da Costa Moreira** (matrícula 201611306), para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADO EM 19 de abril de 2021.

EXAMINADOR Prof. Dr. Renato dos Santos Belo – FAELCH

EXAMINADOR Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama – FAELCH

Prof. Dr. Roney Wagner Vieira
Orientador

LAVRAS-MG
2021

Ao meu Pai José Moreira (in memoriam) que não pôde ver seu filho concluir a graduação. E, ainda, aos tios José Carlos da Silva, Antonio Régis de Paula (in memoriam) e todos os meus familiares. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos profissionais de saúde que estão na linha de frente no combate ao covid-19, mesmo diante de tanta frieza e negacionismo, continuam incansavelmente realizando seus trabalhos em prol da vida.

A todos profissionais da educação, em especial as Professoras do Curumim engajadas no compromisso com a Educação, pois mesmo diante de tanta falta de incentivo e labuta diária, continuam lutando e não medem esforços para que crianças e adolescentes resgatem a esperança, cultive sonhos e utopias.

À Universidade Federal de Lavras, em especial a Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH, e a todos os servidores que contribuem para organização e limpeza do campus universitário.

À minha família, pelo apoio durante o curso e pelas orações, especialmente a Maria de Lourdes (Mãe), Graciele Moreira (Irmã) e Enzo Manoel (Sobrinho), gratidão!

Ao Prof. Dr. Roney Wagner Vieira, por ter aceitado ser meu orientador e pelas recomendações de referências, bem como alterações necessárias para ajustes do trabalho.

Aos professores Dr. Luiz Roberto Takayama e Dr. Renato Santos Belo, pelos ensinamentos durante o curso de Filosofia e por aceitarem, gentilmente, participar da banca.

Ao professor Acolhedor e Regador de Sonhos Dr. Jardel Costa Pereira, pela amizade, pela comunhão e por toda contribuição em minha jornada acadêmica.

Ao professor Apanhador de Histórias e Semeador de Esperanças Dr. Vanderlei Barbosa pela amizade, diálogos, orientações e sinergia construída ao longo da graduação.

Aos pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Movimento, Sabedoria, Ideias e Comunhão – MOSAICO/UFLA, em especial as minhas amigas empoderadas Mestre Dulcineia Aparecida Ferraz Ribeiro e a Mestra Jossuí Basílio Mendonça.

A *Pró-reitoria de Ensino (PRE)*, *Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP)*, *Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – (PROEC)*, ao Programa Institucional de Bolsas (PIB-UFLA), a CAPES, pelas bolsas concedidas ao longo do curso. Sem esse apoio, não seria possível chegar à conclusão do curso.

Aos moradores do Brejão em especial do apartamento 307 que durante este tempo da graduação aguentaram minhas loucuras.

As amigas construídas no decorrer do curso de Filosofia, especialmente a Sandra Oliveira, Lívia Salgado, gratidão pelas conversas compartilhadas, pelos cafés e pelo convívio na Residência Pedagógica em Filosofia.

Aos amigos e amigas que fiz ao longo da estadia em Lavras Dona Célia, Janete Pereira, Marcos André Ribeiro, Marcello Rodrigues.

Aos amigos e amigas de São Lourenço, Dayra Fernandes, Lugano Menezes, João Pedro Neto, Julio Rangel, que mesmo de longe acompanharam meu progresso acadêmico.

Ao Padre Nelson Barbosa e Padre Costante Gualdi, pela amizade, diálogos e orientações espirituais.

A Jesus Mestre, caminho, verdade e vida. Obrigado por Tudo!

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
Emicida - AmarElo*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo pensar a modernidade a partir do conceito de frieza. Para contribuir com as análises deste trabalho, utilizou-se o método bibliográfico, abordando as seguintes obras e autores: *Frieza Burguesa e Educação: A Frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*, de Andreas Gruschka (2014); *Dialética do Esclarecimento (1985)*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para Gruschka (2014) a frieza seria uma espécie de coração frio, indiferença, insensibilidade, onde o indivíduo buscando garantir sua autopreservação utiliza-se da razão instrumental para dominar a vida, a natureza, a arte, a cultura, a educação e o próprio homem. Na Filosofia de Adorno e Horkheimer (1985), a frieza encontra-se subjetivada na tentativa de diagnosticar e entender por que a humanidade, que vivenciava a exaltação da razão iluminista, não teve progresso, não gerou humanização, ao contrário, regressou a um estado de barbárie, miséria e frieza. Além desses pensadores, foi necessário deter-se na bibliografia de Bauman (2014), Duarte (2002), Freud (1930), Nobre (2004), entre outros referenciais que tem a temática da frieza como objeto de investigação. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir nos estudos filosóficos acerca da modernidade, bem como ajudar a entender a metáfora da frieza vigente na contemporaneidade. E, ainda, despertar uma esperança que resgate a razão crítica que permite atingir a humanização diante de tanta barbárie.

Palavras-chave: Frieza; Dialética do Esclarecimento; Teoria Crítica; Modernidade.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aims to think of Modernity from the concept of coldness. To contribute to the analysis of this work, the bibliographic method was used, addressing the following works and authors: *Coldness Bourgeois and Education: Coldness as moral malaise of bourgeois culture in education*, by Andreas Gruschka (2014); *Dialectic of Enlightenment* (1985), by Theodor Adorno and Max Horkheimer. For Gruschka (2014) coldness would be a kind of cold heart, indifference, insensitivity, where the individual seeking to guarantee his self-preservation uses instrumental reason to dominate life, nature, art, culture, education and himself men. In the Philosophy of Adorno and Horkheimer (1985), coldness is subjectivized in an attempt to diagnose and understand why humanity, which experienced the exaltation of the Enlightenment reason, did not make progress, did not generate humanization, on the contrary, it returned to a state of barbarism, misery and coldness. In addition to these thinkers, it was necessary to dwell on the bibliography of Bauman (2014), Duarte (2002), Freud (1930), Nobre (2004), among other references that have the theme of coldness as an object of investigation. It is hoped that this research can contribute to the philosophical studies about Modernity, as well as helping to understand the metaphor of the current coldness. And yet, awaken a hope that rescues the critical reason that allows humanization to be achieved in the face of so much barbarism.

Keywords: Coldness, Dialectic of Enlightenment, Critical Theory, Modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE FRIEZA.....	14
2.1 O significado de frieza	14
3 CAPÍTULO 2- O ESCLARECIMENTO NO MUNDO MODERNO.	22
3.1 Características do Esclarecimento.	22
3.2 Narrativas do indivíduo burguês	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
5 ANEXO A -PLANO DE CURSO	36
5.1 Introdução e Justificativa	37
5.2 Objetivo Geral	39
5.3 Objetivos Específicos	39
5.4 Esquema Geral do Plano de Curso	40
5.5 Descrição detalhada das aulas	41
5.6 Bibliografia Geral	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se propõe a apresentar um estudo acerca do conceito de frieza na modernidade. À luz da Teoria Crítica, a fundamentação teórica concentra-se não somente em reflexões filosóficas, mas também em reflexões presentes na sociologia e na psicanálise. Com efeito, objetiva-se responder ao longo do desenvolvimento da pesquisa as seguintes inquietações: Qual o significado do conceito de frieza? Quais as características do esclarecimento no mundo moderno? Estaria a frieza presente na figura de Ulisses?

Para responder essas questões, será necessário recorrer às seguintes obras: *Dialética do Esclarecimento* (1985), de Adorno e Horkheimer, principais expoentes da Escola de Frankfurt e do pensamento crítico; *Frieza Burguesa e Educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação* (2014) de Andreas Gruschka; e, ainda, *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman (2014); *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud (1930), e outros referenciais que dialogam com a temática da pesquisa.

A obra intitulada *Dialética do Esclarecimento* (1985) apresenta o percurso histórico do esclarecimento, caracterizado pelo conceito histórico-filosófico de *Aufklärung*, conhecimento como *Esclarecimento*, que segundo o filósofo Immanuel Kant (1783), seria “a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. Na tentativa de circunscrever o foco central da obra é possível identificar que esse termo, *Aufklärung*, pode ser designado como um “desencantamento do mundo”- termo cunhado pelo sociólogo alemão Max Weber na obra “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (1905) – que revela um mundo onde há a predominância da técnica e da ciência. No artigo intitulado, “Frieza Burguesa: Apontamentos para uma Teoria da Formação da Subjetividade Moderna” (2019), os autores Facci e Galuch pontuam:

Weber ressalta que o desenvolvimento da ciência e da técnica – o desencantamento do mundo – não equivale a um aumento do conhecimento dos homens sobre suas próprias condições de vida; pelo contrário, os processos de racionalização e de burocratização da vida tolheram do homem moderno (burguês) sua capacidade de reflexão, seu poder de tomada de decisão, o seu sentimento de responsabilidade e o aumento efetivo de sua liberdade. Por outro lado, ao desacreditar os valores que prendiam, de forma pessoal, os homens entre si e com o mundo – então integrados em um cosmo –, o desencantamento produz nos homens um desapego, um certo ceticismo, uma indiferença;” (FACCI e GALUCH, 2019, p.9)

Considerando essa indiferença, os filósofos Adorno e Horkheimer ressaltam que a civilização moderna desata o nó da natureza desconhecida, liberta-se da força mítica da natureza e inicia a marcha da racionalização que avança com o predomínio da matemática, da ciência, das invenções. Todavia, o preço da exaltação da razão contribui no desmoronamento da cultura teórica, isto é, percebe-se o início da “infatigável autodestruição do esclarecimento”, assim, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p.12), sobre o esclarecimento “ele sai voluntariamente de seu elemento crítico como um mero instrumento a serviço da ordem existente, ele tende, contra sua própria vontade, a transformar aquilo que escolheu como positivo em algo negativo, destrutivo.”

Na perspectiva científica moderna é evidente o colapso e a problemática acerca do sentido de fazer ciência a partir do pensamento esclarecido, ou seja,

[...] o próprio conceito desse pensamento [esclarecedor], tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contêm o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranóia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.13)

Os frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985, p.13) elucidam que a causalidade do retrocesso do esclarecimento não é encontrada “nas mitologias nacionalistas, pagãs e em outras mitologias modernas especificamente idealizadas em vista dessa recaída”. Ao contrário, veremos que o diagnóstico feito na *Dialética do Esclarecimento* constata a regressão em toda parte da sociedade, onde apresenta o obscurecimento do pensamento pragmatizado e conseqüentemente destaca que a causa da recaída se encontra centralizada no próprio esclarecimento.

Comumente, a determinação que Adorno e Horkheimer (1985, p.11) propõe na *Dialética do Esclarecimento* é salientada no prefácio do livro, que consiste em: “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está afundando em uma nova espécie de barbárie”. Nessa proposta de investigação, é possível observar que se encontra o conceito de frieza.

A Dialética do Esclarecimento traz como contexto as desilusões e transformações ocorridas no mundo moderno, onde é notório “as direções dominantes do pensamento”, ou seja, os autores propõem uma Teoria Crítica apresentando reflexões que permeiam a civilização ocidental, as promessas iluministas, a exaltação da razão, o progresso da dominação encarnada nos homens, instituições que buscam controlar a natureza, os homens e o controle de si mesmas.

Diante dessa condição de domínio propagada pelo esclarecimento no mundo burguês, que tem por objetivo tirar os homens do medo da natureza, permitir que consigam sua autonomia, universalidade e individualidade, superar os mitos, destruir o animismo, deixando de lado as superstições, dando voz apenas para a razão e para a lógica. As análises realizadas pelos frankfurtianos trazem uma reflexão, de forma crítica, sobre esse caráter dominante.

Para Adorno e Horkheimer, para que o indivíduo tome consciência da dominação e da exploração é necessário estabelecer uma crítica da razão em face da formação do indivíduo, isto é, o esclarecimento não permite atingir a liberdade diante dessa dominação e exploração. Para os pensadores de Frankfurt acima citados (1985,p.13) “a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” e, por conseguinte, para que o indivíduo obtenha sua autonomia e emancipação, é necessário que o próprio indivíduo “tome consciência de si”, ou seja, a Dialética do Esclarecimento é essa própria tomada de consciência de si, pois, o predomínio da “razão e da lógica” se trata justamente do erro histórico que a obra denuncia. Assim, do predomínio dessa razão, resulta a frieza.

Segundo Gruschka (2014, p.53), “o mal-estar moral na ordem burguesa foi um motivo essencial para a Teoria Crítica da sociedade. Os textos de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno permanecem atuais porque, como poucos, retomaram os fenômenos sócio-filosóficos da frieza.” Para o comentador Rodrigo Duarte (2002, p.8), a obra Dialética do Esclarecimento de Adorno e Horkheimer, aborda temas bastante atuais, a saber:

[...] a devastação da natureza pelo homem, a opressão das mulheres, o racismo e a estultificação das pessoas pelos meios de comunicação massiva. [Onde] sua ideia nucleadora [...] é a de que o processo civilizatório, no qual o homem aprendeu progressivamente a controlar a natureza em seu próprio benefício, acaba revertendo-se no seu contrário – na mais crassa barbárie –, em virtude da unilateralidade com que foi conduzido desde a idade da pedra até nossos dias.

Notam-se na filosofia dos frankfurtianos características da frieza. Nesse sentido, o conceito de frieza¹, abordado nesse trabalho concentra-se na natureza interior do sujeito esclarecido, onde se pode identificar o domínio sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre o próprio homem. E todo esse domínio envolve perda de sensibilidade, autoconservação, repressão, negação da autonomia, particularismos e individualismo, ou seja, um processo de desumanização.

Dito isso, essa pesquisa buscará percorrer o itinerário da racionalidade instrumental, razão essa que segundo Bruno Pucci (2014, p.xix) “não tem condições de realizar uma organização verdadeiramente humana da sociedade”. Nesse contexto, será necessário pensar o conceito de frieza presente na modernidade, entender que ela está subjetivada no homem e ainda é difundida na sociedade.

Assim sendo, o *corpus* da pesquisa destaca parte significativa das obras citadas abrangendo, como dito anteriormente, o campo filosófico, sociológico e psicológico. O desenvolvimento da pesquisa está consolidado em duas partes: o primeiro capítulo consiste em entender o *Conceito de Frieza*; o segundo capítulo em compreender o *Esclarecimento no Mundo Moderno* onde, segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 15): “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”. E ainda, destacar fragmentos das narrativas vivenciadas por Ulisses ao longo da sua viagem de volta para Ítaca, onde nota-se “a dialética do mito e do esclarecimento na Odisseia como um dos mais precoces e representativos testemunhos da civilização burguesa ocidental” (1985,p.15) e revela expressões da frieza presente no sujeito esclarecido que vivencia suas renúncias e sacrifícios.

Espera-se que essa pesquisa apresente considerações claras e evidentes não somente para a comunidade acadêmica habituada com a área da Filosofia, mas também para aqueles que têm certo distanciamento do campo filosófico. Dessa forma a partir da Teoria Crítica², o

¹“O conceito de “frieza” não é uma particularidade da era burguesa; antes, acompanha as manifestações dos homens desde seus primórdios, atinge a relação senhor-escravo, na antiguidade greco-romana, bem como a dos membros da Igreja e da corte com os servos da terra na Idade Média. O extermínio dos índios pelos espanhóis e portugueses na América Latina nos séculos XVI e XVII foi, sem dúvida, expressão feroz da frieza burguesa em sua fase colonialista. Mas em tempos do capitalismo desenvolvido, o conceito ganhou densidade e intensidade e os escritos filosófico-educacionais de Horkheimer e Adorno manifestam essa realidade de forma radical e pungente.” (PUCCI, p.vxii)

² “Vê-se que a Teoria Crítica tem sempre como uma de suas mais importantes tarefas a produção de um determinado diagnóstico do tempo presente, baseado em tendências estruturais do modelo de organização social vigente bem como em situações históricas concretas, em que se mostram tanto as oportunidades e potencialidades para emancipação quanto os obstáculos reais a ela. Com isso, tem-se um diagnóstico do tempo presente que permite então, também, produção de prognósticos sobre o rumo do desenvolvimento histórico. Esses prognósticos, por sua vez, apontam não apenas para natureza dos

presente trabalho propõe um convite ao leitor para refletir sobre a modernidade e o pensamento vigente na atualidade. E, ainda, entender que a crítica de Adorno e Horkheimer acerca da razão iluminista, as análises da frieza de Gruschka, elucida uma razão que se tornou dominante e que não visa à emancipação do homem, ao contrário, acaba trazendo uma espécie de frieza, isto é, uma nova barbárie que assola a modernidade inacabada.

2 CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE FRIEZA

Neste primeiro capítulo será definindo o conceito de frieza. Sendo apresentadas duas perspectivas de frieza: uma presente na sociologia do polonês Zygmunt Bauman (2014), especificamente na obra *Modernidade Líquida*, como também será apresentado a frieza a partir da psicanálise do austríaco Sigmund Freud (1930), detendo-se brevemente na obra *O Mal-estar na Civilização*.

E, ainda, para corroborar com a conceituação da metáfora da frieza, também será necessário buscar argumentos na filosofia dos pensadores Adorno e Horkheimer(1985), ambos da Escola Frankfurt e autores da obra *Dialética do Esclarecimento*. Além disso, será necessário também deter-se na obra *Frieza Burguesa e Educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*, de autoria do pensador alemão Andreas Gruschka (2014). Além das obras supracitadas, alguns artigos foram utilizados e contribuíram para a definição do conceito de frieza.

2.1 O significado de frieza

Há várias maneiras de pensar a modernidade. Nessa pesquisa pensamos a modernidade a partir do conceito de frieza. Na obra de Andreas Gruschka, intitulada *Frieza Burguesa e Educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*, o pesquisador Bruno Pucci destaca em sua apresentação que na bibliografia de Adorno, o conceito de frieza fica evidente em uma palestra intitulada *Educação após Auschwitz* (1965). De acordo com Pucci (2014, p.xvii), nessa palestra Adorno “coloca a responsabilidade pela barbárie do holocausto na indiferença existente entre homens”. Assim, segundo Adorno (1995, p.133) “se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível.”

Na *Dialética Negativa* (1966), especificamente, no aforismo intitulado *Depois de Auschwitz*, Adorno reafirma, de acordo com Pucci (2014,p.xvii): “frieza [...] princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível.” Além disso, “no ensaio educacional *Teoria da Semiformação* (1959), Adorno já havia exposto as reações de indiferença dos dirigentes e executores do extermínio nos campos de concentração.” (PUCCI, 2014, p.xviii).

Ainda segundo Pucci (2014, p.xviii), nesses diagnósticos é “evidente que a formação da subjetividade das pessoas na sociedade capitalista é de tal maneira influenciada pela frieza, pela indiferença de um para com o outro, que a consequência dessa (de)formação é a barbárie”. Já para Gruschka (2014, p.40), os estudos de Horkheimer e Adorno “retomaram os fenômenos social-filosóficos da frieza”, investigando a “vida danificada”.

Outra definição do conceito de frieza pode ser identificada na Sociologia. Na obra *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, a frieza está aliada à liquidez, ao individualismo. Em outras palavras, na sociologia de Bauman “encontra-se o protesto contra a perda do espírito comunitário, que resulta como implicação da frieza burguesa proveniente da “individualização” crescente das circunstâncias de vida” (GRUSCHKA, 2014, p.2-3).

No capítulo 2 de *Modernidade Líquida*, intitulado *Individualidade*, Bauman (2014) fala de uma sociedade fria, caracterizada pelo controle, pela obediência e por práticas cotidianas definidas. E, ainda, nessa sociedade de Bauman (2014), os indivíduos são manipulados pela indústria do consumo, isto é, são atraídos por uma série de possibilidades infinitas, atraentes, apetitosas, mas ao mesmo tempo possibilidades líquidas, fluidas, com curto prazo de durabilidade. Mediante o exposto, identificamos a frieza ligada à cultura do consumismo que é predominante na modernidade. De fato, para Gruschka (2014, p.3) a sociedade de um lado “não enxerga nada ofensivo na invenção de formas cada vez mais extremas para tornar a vida luxuosa” e por outro lado, muitos seres humanos não têm acesso a condições básicas para sobreviver³.

Segundo Adorno (1995, p.14), “a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie”. Ora, diante dessa sociedade dita moderna, alicerçada pelo progresso e esclarecida, cabem algumas perguntas: Considerando o avanço científico-técnico, porque ainda não foi erradicada a pobreza e a fome? Ou melhor, considerando o progresso emancipatório da sociedade, por que razão há o predomínio de desigualdades? Para Gruschka (2014, p.6), é notório que

³Segundo Gruschka, “[...] a ideia da vida correta como foi entendida por Adorno e Horkheimer exige da economia a garantia das condições fundamentais de reprodução para todos os membros da sociedade: a libertação da miséria existencial; mantimentos suficientes; moradia; prevenção de doenças e ajuda aos enfermos; garantia da integridade pessoal; possibilidade de dedicação autêntica aos semelhantes; participação não licenciada e limitada na cultura etc. Adorno e Horkheimer comprovam em seus escritos que as condições na sociedade em relação ao potencial das forças produtivas citadas ou são reservadas para grupos privilegiados, ou não são garantidas em sua totalidade. Eles responsabilizam a frieza burguesa pela conformidade com essa situação” (GRUSCHKA, 2014, p.41)

[...] por trás da uniformidade com a qual os homens parecem comportar-se criticamente em relação à “frieza” na sociedade, estão experiências totalmente diversas, razões, esperanças e talvez também medo futuro. Provavelmente, elas apresentam em comum a angústia ante as tendências crescentes de “barbarização” dos homens e da sociedade. Um mundo no qual os impulsos decorrentes dos sentimentos (de amor e raiva, tristeza ou alegria, compaixão e solidariedade) dos homens não permeiam mais as suas relações, e onde não podem determinar formas de sua sociabilidade, parece não mais valer a pena de ser vivido. Em vez disso, os homens devem fazer de tudo e de cada indivíduo um objeto à disposição de seu interesse particular. Quem, diante de sua impotência, se torna totalmente apático e indiferente perde o seu semblante humano. Em consequência, os homens suspeitam e temem que, em uma sociedade que se tornou hermeticamente fria, somente aqueles que se resignam com a frieza ou que com ela governam, possuem o direito de viver. Esse “ou isso ou aquilo” consiste na percepção do fim da idéia de um mundo no qual vale a pena viver. Esse foi o impulso crítica central nos escritos de Horkheimer e Adorno⁴.

Diante desses impulsos, é possível observar que no mundo capitalista, segundo Bauman (2014), há uma compulsão transformada em vício, isto é, o indivíduo procura exemplos, conselhos, orientações visando uma felicidade pessoal, isto é, atingir uma satisfação desejada, porém tal satisfação nunca se completa. Nessa vida “organizada em torno do consumo”, não existe normas, segundo Bauman (2014, p.57) “ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e querereres voláteis - não mais por regulação normativa”, é necessária a adequação, por exemplo, se a sociedade coloca um padrão estético para ser seguido, os consumidores buscaram atingir esse ideal de beleza. Nota-se, portanto, a frieza advinda de uma indústria do consumo, alicerçada pelo sistema capitalista com formas predatórias, isto é, segundo Bauman (2014, p.63)

[...] o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, “mais reais que a realidade”, em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade “vivida”. A vida desejada tende a ser a vida “vista na TV”. A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela.

Na Filosofia de Adorno e Horkheimer, essa frieza capitalista é identificada em dois conceitos, que faz também perceber que a frieza não é somente um conceito para pensar a modernidade, mas que também pode ser utilizado para pensar nossa atualidade, trata-se dos

⁴ Para Gruschka (2014, p.40), os “diagnósticos de Horkheimer e Adorno estão direcionados em um sentido abrangente para as condições de vida da modernidade capitalista”.

seguintes conceitos: Indústria Cultural e Semiformação. O primeiro conceito, no capítulo intitulado *A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas*, os frankfurtianos Adorno e Horkheimer ressaltam um “mundo administrado”, onde a arte, a beleza, a estética e a cultura que atingia um grupo específico da sociedade, passou a ser difundida para a sociedade de massa. Ora, isso ocorreu, pois, a racionalidade técnica caracterizada pela dominação, submeteu a arte ao sistema capitalista, isto é, com os avanços dos meios de comunicação - cinema, rádio, revistas, televisão, internet - a perspectiva artística, estética passou a ter mais espaço na sociedade, sendo mais valorizada, tendo uma “nova utilidade”, preço, e por consequência passou a gerar mais lucratividade e ainda acabou se tornando mera mercadoria. Sobre essa perspectiva econômica que está atrelada a indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1985,p.14), assevera que:

A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo vê-se, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo.

Em outras palavras, o mundo capitalista, a indústria cultural, passou a ser um entretenimento para os indivíduos que são controlados por um sistema dominante, que oferece produtos para a sociedade satisfazer seus desejos e ao mesmo tempo carrega o slogan de que ao fazer parte da ideologia propagada pela indústria do consumo, estaria atingindo o ideal de felicidade. Considerando essa ótica da dominação, onde segundo Adorno e Horkheimer a tecnicidade busca a uniformização, constata-se que por parte dos indivíduos não há uma resistência, isto é, a indústria cultural consegue facilmente manipular seus consumidores tornando-os indivíduos alienados.

Na obra intitulada *Educação e Emancipação* de Theodor Adorno (1995), o tradutor e autor da introdução dessa obra Wolfgang Leo Maar, salienta que a indústria cultural

reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas. A indústria cultural obscurece por razões objetivas, aparecendo como uma função pública da apropriação privada do trabalho social. Na continuidade de seu próprio desenvolvimento, o esclarecimento se inverte em obscurantismo e ocultamente. Para Adorno, a indústria cultural corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalização da linha de produção industrial — seja fordista, seja flexível — do terror e da morte. (MAAR, 1995, p.21-22)

Sobre o conceito de Semiformação, no artigo intitulado *Teoria Crítica da Sociedade e o Sentido Político da Educação*, de Luiz Roberto Gomes (2010), o autor pontua que segundo Adorno,

[...] é no processo de reprodução material da sociedade que é possível captar a dialética da “formação” e da “semiformação”. Na sociedade contemporânea, a significação germânica da Bildung, especialmente na acepção da “liberdade”, dos “valores” que orientavam a razão prática, foi reduzida a discursos ideológicos, desvinculados da ação social. Com isso, a promessa da emancipação e da autonomia, que era a principal razão do ideal iluminista moderno, foi solapada e substituída pela adaptação e submissão disciplina da à lógica da dominação. Assim, a dimensão crítica da cultura, que deveria garantir a emancipação, cede lugar à semiformação, em que predomina a racionalidade instrumental voltada para a adaptação e o conformismo à situação vigente. (GOMES, 2010, p.242)

É possível verificar, portanto, que o conceito de Semiformação também tem como característica a dominação, isto é, nessa sociedade administrada o esclarecimento é impedido de alcançar sua realização, onde ao invés do indivíduo alcançar sua autonomia, formação cultural, há uma regressão para heteronomia, fruto dessa Semiformação.

Soma-se a isso, na psicologia o conceito de frieza também tem seus reflexos. Especificamente, na obra *O Mal-Estar na Civilização* (1930), de Freud⁵. Nessa obra, o psicanalista apresenta o problema da limitação da sexualidade e da agressividade para a existência da cultura. Ora, segundo o autor a limitação dos indivíduos em vivenciar suas pulsões é primordial para garantir a sobrevivência, como também para garantir o bem-estar social, ou seja:

⁵Para Adorno (1995, p.118-119): “Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios *O mal-estar na cultura e Psicologia das massas e análise do eu* mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador”.

De acordo com Freud, o princípio de prazer – que consiste em satisfazer as necessidades de Eros – está entre os principais anseios dos seres humanos, em busca por superar o desespero, alcançado pela proteção e pela segurança, em sua busca por alcançar o prazer, a felicidade: os homens “[...] aspiram à felicidade, querem se tornar felizes, e assim permanecer”. Essa aspiração, porém, “[...] tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa: por um lado, a ausência de dor e desprazer, por outro a vivência de situações intensas de prazer” (FREUD, 2010, p.62 apud FACCI; GALUCH, 2019, p.12)

Percebe-se, portanto, o conceito de autoconservação presente na filosofia dos frankfurtianos e, que segundo Facci e Galuch (2019, p.12), seria um “desdobramento da psicanálise freudiana”. Em outras palavras, pode-se dizer a civilização abdicou-se de uma parcela de felicidade para garantir sua segurança.

Entretanto, ao analisar a civilização e a sexualidade, Freud destaca que numa relação amorosa: “o amor sexual é uma relação entre duas pessoas, na qual uma terceira é talvez supérflua ou importuna” (FREUD, 1930, p.71); como também “não há interesse algum pelo resto do mundo; o par amoroso basta a si mesmo, não precisa sequer de um filho para ser feliz” (FREUD, 1930, p.71). Entretanto, segundo Freud, a civilização não se contenta em unir somente libidinalmente e propõe um caminho que propõe “fortalecer os vínculos comunitários através de relações de amizade” (FREUD, 1930, p.72).

Para Freud a sociedade civilizada está alicerçada pelo seguinte mandamento cristão⁶: “Ama teu próximo como a ti mesmo”. Todavia, surgem indagações, tais como: por que devo amar o meu próximo? De que forma isso contribui em minha vida? (FREUD, 1930, p.79). Além disso, para que alguém seja amado, se faz necessário certo merecimento. Isso ocorre, pois segundo Freud, se o “eu” desconhece o indivíduo, se torna difícil amá-lo, ou seja, é injustificado amar o desconhecido, visto que só podemos amar os conhecidos. Nesse sentido, se eu desconheço o indivíduo não sou capaz de amá-lo.

⁶No texto Educação após Auschwitz, Adorno salienta que “um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra. Mas esta tentativa fracassou; possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza. Provavelmente até hoje nunca existiu aquele calor humano que todos almejamos, a não ser durante períodos breves e em grupos bastante restritos, e talvez entre alguns selvagens pacíficos”(ADORNO, 2010, p.134)

E, ainda, para Freud esse desconhecido “tem mais direito à minha hostilidade, até o meu ódio” (FREUD, 1930, p.74). Como também, se porventura esse desconhecido tiver em vantagem, pode causar algum dano, algum prejuízo; o desconhecido “não se incomoda em zombar de mim, em me ofender, me caluniar, exhibir seu poder, e quanto mais seguro ele se sentir, mais desamparado estarei eu” (FREUD, 1930, p.75). Identifica-se, portanto, a frieza que é caracterizada pela falta de amorosidade, pela competitividade, pelo ódio, pelo sentimento de superioridade, e pela ignorância, visto que se não conheço, não devo esperar coisas boas e nem oferecer bons sentimentos.

Ora, essa frieza identificada na dimensão psicológica de Freud, revela outra característica do ser humano, a agressividade. De acordo com Freud,

O ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim, que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. (FREUD, 1930, pp. 76-77)

Em outras palavras, Freud destaca que “o homem é o lobo do homem”, ou seja, “o ser humano [seria] como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (FREUD, 1930, p.77). Essa agressividade, de acordo com Freud, é natural do ser humano e não há nenhum fator externo responsável pela hostilidade humana. Todavia, para existir cultura, dirá Freud, é necessário impor “tais sacrifícios não apenas a sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem” (FREUD, 1930, p.82).

Verifica-se, desse modo, que a expressão da frieza pode ser identificada em toda parte⁷ da sociedade. Na sociologia de Bauman, frieza identificada no individualismo, no consumismo, reflexo da sociedade capitalista e na psicologia de Freud, a frieza é identificada na sexualidade e na agressividade.

Retornemos a centralidade da nossa investigação, especificamente a filosofia de Adorno e Horkheimer e a obra que eles têm em comum, *Dialética do Esclarecimento*.

⁷ Gruschka (2014, p.5) salienta que: “apesar da variação no sentido da aplicação da metáfora da frieza, frequentemente marcada por sentimentos subjetivos, com a sua declarada intenção de protesto, ela se refere a algo objetivo e geral. Nela se expressa exemplarmente o mal-estar pelo estado moral da sociedade burguesa”.

Segundo Horkheimer a frieza pode ser vista de “forma materialista⁸” (GRUSCHKA, 2014, p.42); para Adorno, a frieza seria o “princípio básico da subjetividade burguesa” sendo caracterizada como indiferença⁹ que é praticada devido à condição capitalista (econômica) que se encontra o mundo moderno e, considerando isso o sentimento moral de apatia, a frieza é persistente nas relações entre os indivíduos; e, ainda, a frieza é determinada pelo próprio homem, o que é corroborado por Gruschka (2014, p.43), ao afirmar que “[...] tanto objetiva quanto subjetivamente, existir uma tendência de submeter tudo ao princípio da frieza, a sua forma pura está sob o veredicto de ser uma expressão da imoralidade.”

Vale lembrar que na obra *Dialética do Esclarecimento*, o conceito de frieza está presente na seguinte pergunta: Por que a sociedade ao invés de colocar em prática o humanismo, a cordialidade tornou-se ainda mais agressiva, individualista?

Para responder essa questão, vamos analisar no próximo capítulo a razão que foi propagada como sendo uma saída para o estado de barbárie, carrega consigo a responsabilidade do despertar de novos estigmas. Segundo Adorno e Horkheimer o que ocorre é um “insucesso da humanização” e diante disso é notório que o conceito de frieza, tema dessa pesquisa é um estigma advindo dessa regressão, isto é, a razão que visava à emancipação, se tornou uma razão instrumentalizada.

⁸ Cf. O ensaio intitulado “Egoísmo e movimento de liberdade”, de Horkheimer (1936).

⁹ Cf. a obra *Minima Moralia*, de Adorno (1980).

3 CAPÍTULO 2 – O ESCLARECIMENTO NO MUNDO MODERNO

No capítulo anterior apresentamos o conceito de frieza, definido a partir da filosofia de ADORNO e HORKHEIMER (1985), GRUSCHKA (2014), BAUMAN (2014) e FREUD (1930). Nesse capítulo daremos continuidade na análise desse conceito de frieza, veremos que no pensamento de Adorno e Horkheimer a frieza apresenta três características que são identificadas no protótipo do homem moderno, são elas: a racionalidade instrumental evidenciada na técnica, no cálculo, a autoconservação, buscando a sobrevivência e a dominação, caracterizada pelo o uso do poder sob a natureza e sob o próprio homem.

3.1 Características do Esclarecimento

Na modernidade, o esclarecimento que visava uma razão emancipatória tornou-se uma razão instrumentalizada. Ora, segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.13), “o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação de sua ideia em pessoas e instituições”. Nesse contexto, a fim de estabelecer uma ordem e uma regularidade na natureza foi necessário utilizar-se do número, da calculabilidade e da lógica formal, para que assim se pudessem explicar as transformações e fenômenos que acontecem na natureza e no cosmo.

Em outras palavras, a modernidade deixa as explicações mitológicas de lado e passa a ter o esclarecimento, isto é, a racionalidade assume um papel protagonista, onde toda explicação do mundo passar a ser submetida ao conhecimento técnico-científico e, ainda mais, tudo aquilo que não se utiliza do método matemático, da calculabilidade e da racionalidade era descartado.

Para Adorno e Horkheimer (1985, p.17),

[...] no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investilos na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.

Nessa perspectiva do saber, Adorno e Horkheimer ao citar o filósofo Francis Bacon, considerado “pai da filosofia experimental” ressaltam que o homem ao utilizar do seu saber para dominar a natureza, buscava garantir sua autoconservação, mas para isso seria necessário

desfazer-se dos mitos, deixar de lado as superstições, dando voz apenas para a razão e para lógica, assim afirmam que “a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida”(1985, p.17), e, ainda,

[...] o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18)

Ora, no contexto onde “poder e conhecimento são sinônimos” (1985, p.18), surge um novo homem moderno, que tem como bússola a utilização da racionalidade objetivando alcançar sua liberdade, isto é, o homem, valendo-se da razão, tinha como propósito a desmitificação, desfazer-se das antigas opiniões mitológicas e, conjuntamente alcançar a autoconservação por meio do conhecimento racional. Entretanto, segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.15), “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”, isto é, na figura de Ulisses ou na figura do Feiticeiro é possível perceber que eles já serviam da racionalidade. Sobre essa questão Duarte (2002, p.28), pontua:

Ao tema da racionalidade é a ideia de que, muito antes de a poderosa ciência moderna se constituir como uma arma humana para a intervenção nos processos naturais, os homens já acreditavam intervir nesses últimos através de feitiço ou outras ações cientificamente não comprováveis.

Assim, para Adorno e Horkheimer (1985, p.18) “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituiu o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”, isto é, a partir do ideal iluminista o homem se torna esclarecido, se liberta da heteronomia que estava alicerçada na preguiça, na covardia, na ignorância, pela mitologia e pela religião e, assim, com coragem alcança sua autonomia fazendo o uso da racionalidade, da técnica e da ciência.

Todavia, como se percebe, o objetivo do esclarecimento, onde o saber humano é considerado como sendo superioridade acaba se tornando uma nova espécie de mitologia que para Gruschka (2014, p.6), seria uma nova conduta em que “a coexistência pacífica dos homens, a sobrevivência da humanidade, parece estar ameaçada”.

Ora, segundo Adorno e Horkheimer esse esclarecimento é totalitário e, ainda, traz a ideia de que o que não for de acordo com seus princípios não é conhecimento. Isto é, o conhecimento só é conhecimento segundo a regra do método científico. Em outras palavras, o conhecimento científico se baseia nas coisas *a priori* e envolve subjetividade, exercendo uma dominação, uma prática científica que reúne diversidades, agrupando semelhanças, ou seja:

A partir do momento em que ele pode se desenvolver sem a interferência da coerção externa, nada mais pode segurá-lo. Passa-se então com as suas ideias acerca do direito humano o mesmo que se passou com os universais mais antigos. Cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar sua força. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.19)

Toda essa força do esclarecimento, fez com que a civilização tomasse um rumo contrário do que o Iluminismo prometia. E quais eram as promessas iluministas? Alcançar o ápice da racionalidade, objetivando o uso da liberdade e buscando a emancipação do sujeito. Entretanto, segundo Adorno e Horkheimer, “o progresso converteu-se em regressão”, isto é:

Com o abandono do pensamento – que, em sua figura coisificada como matemática, máquina, organização, se vinga dos homens deles esquecidos –, o esclarecimento abdicou de sua própria realização. Ao disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não compreendido se voltasse, enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.45)

É possível notar que o contexto dialético da obra tem como função apresentar a racionalidade como sendo um fundamento para que os homens alcancem a emancipação; entretanto, essa razão ficou debilitada reduzindo-se à razão instrumental, isto é, o conhecer passou a servir como mecanismo da ciência e da técnica, conjuntamente com a autoconservação. Percebe-se também que o esclarecimento seria uma libertação para sociedade, porém acabou tomando outro direcionamento, no qual o esclarecimento abriu a porta da escravidão, isto é, uma espécie de barbárie onde se encontra a frieza do homem contra os outros homens e contra a natureza.

Em outras palavras,

O casamento feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas que ele tem em mente é patriarcal: o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. O saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviços de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim

também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.18).

Nesse ínterim, com essa regressão do esclarecimento fortaleceu-se o método experimental, de repetição, de tortura, isto é, eu obrigo a natureza e ela me responde. Dito de outro modo, para Adorno e Horkheimer (1985, p.43) “toda ética se concentra no princípio de autoconservação onde cada um se volta para seu próprio interesse”. Cabe destacar que “os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se a natureza ou submeter a natureza ao eu”, ou seja:

Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento, que identifica o animado ao inanimado, assim como o mito identifica o inanimado ao animado. O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica. A pura imanência do positivismo, seu derradeiro produto, nada mais é do que um tabu, por assim dizer, universal. Nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do “fora” é a verdadeira fonte da angústia... (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.26).

Constata-se, assim, que a ciência moderna é uma nova roupagem onde o positivismo é a radicalização daquilo que outrora já estava sendo realizado, ou seja, a ciência busca superar a lenda, o mito, e com o método científico passar a ter ideia de que o fazer ciência é a melhor condição para responder as questões da civilização moderna. Todavia, isso não é o que acontece, pois, o esclarecimento moderno conserva o mito que na antiguidade já tinha o traço do esclarecimento.

Segundo Duarte (2002, p.29)

A objetividade da ciência consiste também no fato de que tudo nela pode ser repetido *ad nauseam*, como um experimento, por exemplo, dando sempre o mesmo resultado. Ora, segundo Horkheimer e Adorno, a temporalidade cíclica do mito pressupõe exatamente essa possibilidade de repetição que é hoje considerada típica da ciência moderna.

Diante disso, observa-se o princípio da imanência, e de acordo com Adorno e Horkheimer (1947, p.23): “a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito”, ou seja, ao verificar as origens do conceito de esclarecimento, percebe-se que o este possui uma ligação com o mito, isto é, ambos apresentam características da calculabilidade e do princípio de imanência.

3.2 Narrativas do indivíduo burguês

Essa característica em comum entre esclarecimento e mito pode ser identificada no duodécimo canto da *Odisseia*, em que Homero apresenta a narrativa de Ulisses com as Sereias: “A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina na sedução emancipou-se com o sofrimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.38)¹⁰. Nessa narrativa, é evidente a noção de poder, de comando, de obediência¹¹. Assim, conforme apontado por Gruschka (2014, p.46),

[...] alguém somente consegue poder quando consegue submeter o que deve ser dominado à sua vontade, tornando-se indiferente em relação à resistência que parte do objeto. A racionalidade da ação é determinada por um bloqueio de todos os movimentos diretos que obstruem a aquisição do objeto do qual se quer dispor. Aí está uma condição para a formação da frieza.

Ora, Ulisses teve de se sacrificar em alguma medida, ou seja, tinha em seu entendimento que todos os homens que ouvem o canto das sereias não conseguem escapar delas. Entretanto, a fim de vencer a sedução das sereias, o pensamento de Ulisses apresenta uma dicotomia, isto é, está diante de dois gumes: sua própria morte e sua felicidade. Para sobreviver ao canto das sereias, era necessário se autoconservar, ou seja, a felicidade tem de se esperar, assim como morte tem de se escapar.

Diante disso, o astucioso Ulisses tinha em mente que, para dominar a natureza, precisaria se autodominar. Em outras palavras, para exercer o comando da natureza, é necessário controlar os instintos, ou seja, o sujeito respeitável é capaz de governar os seus instintos e seus impulsos. Sabe-se que, para enfrentar a potência da natureza e libertar o homem do medo, é necessário submeter-se à natureza, deixá-la guiar, deixando-a proceder até que o sujeito assuma o controle do processo e a natureza passa obedecer a ele.

¹⁰ Segundo Gruschka, “o modo de viver burguês de Odisseu, analisado na Dialética do Esclarecimento, contém momentos essenciais da história antecedente do burguês, isto é, no sentido de pré-requisitos necessários para uma forma da constituição do sujeito e de sua autoafirmação, somente alcançados plenamente e com característica nova com a sociedade burguesa”. (GRUSCHKA, 2014, p.48)

¹¹ Sobre essas narrativas, na qual Ulisses presencia uma série de situações, cabe destacar a filosofia de Nietzsche, que assevera que o homem: “Para poder dispor de tal modo do futuro, o quanto não precisou o homem aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar – para isso, quanto não precisou antes tornar-se ele próprio confiável, constante, necessário, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir!” (NIETZSCHE, 1987, p.48)

Essa autorrenúncia do astucioso Ulisses fez com que ele resistisse ao prazer imediato, pois tinha como objetivo escutar o canto da sereia sem que pudessem, Ulisses e seus trabalhadores. Tapou ele então os ouvidos dos seus trabalhadores pedindo-lhes que remassem com bastante força. A superação de Ulisses deu-se pelo fato de que, para vencer a provação do canto das sereias, foi necessário amarrar-se ao mastro a fim de escutar o canto e não ser mutilado.

Percebe-se que a profecia que relata que o mortal escapa da sedução da sereia é superada através da calculabilidade e da precaução de Ulisses, que se sacrificou e controlou seus instintos por meio da racionalidade onde “força a insensibilidade da identidade a seguir os caminhos da autopreservação.” (GRUSCHKA, 2014, p.66)

Além disso, nota-se que essa conquista de Ulisses é fruto de uma “atitude fria”. Olhando para a atualidade, são evidentes essas conquistas a partir da frieza muitas vezes utilizada pelos donos dos meios de produção que na maioria das vezes acabam explorando e aceitando a marginalização da população. Ademais, segundo Gruschka, (2014, p.2) quando nos é “[...] evidente que as novas leis de produção determinam que o indivíduo se torne supérfluo, uma herança pesada, cujas experiências antigas servem, no melhor dos casos, para ele permanecer um recruta no exército de reserva”.

Outro contexto que apresenta o entrelaçamento do mito com o esclarecimento acontece em outra situação de calculabilidade de Ulisses, quando ele deliberou entre duas opções, isto é, tinha opção de navegar em direção a Cila enfrentando um monstro marinho de seis cabeças ou de navegar em direção a Caribde, um redemoinho. Sabendo que haveria automutilação, Ulisses optou por navegar em direção a Cila, pois perderia seis de seus homens; a outra navegação traria maior perda. Nessa narrativa, observa-se a frieza quando Ulisses “busca do próprio interesse particular”, isto é, “[...] ele é forçado a fazer do outro um meio de seu interesse” (GRUSCKA, 2014, p.7). Em outras palavras, percebe na vontade particular de Ulisses, uma atitude onde não se importa com a desgraça do outro, pois considera que o outro é um mero objeto, que pode ser controlando de forma estratégica, que pode ser tratado com indiferença.

Se tratando desse contexto mitológico, o mito já é esclarecimento, um presságio da ciência, isto é, o princípio moderno de superação da natureza, de calculabilidade, já era motor na antiguidade do pensamento filosófico. Em outras palavras, “o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20).

Diante disso, tem-se uma sociedade que assume uma racionalidade cega, ou seja, uma sociedade alienada e pragmática que, por conta da dominação, destrói a natureza e a humanidade. É possível verificar que, com esse caráter esclarecedor do mundo moderno, o homem assume uma nova identidade, isto é, o desejo humano de conservação de si mesmo ligado à dominação da natureza fez com que surgissem na modernidade regimes autoritários e capitalistas – pode-se afirmar que o esclarecimento se tornou totalitário e frio.

Nesse contexto, o homem passa a criar o hábito de autoconservação, isto é, diante da realidade em que vive alicerçado pela razão instrumental, acaba não exercendo seu pensamento crítico; ao contrário, está restrito a uma condição imediatista e pragmática, reduzindo assim seu pensamento a um mero instrumento com o qual não sabe diferenciar seu próprio pensamento e aquilo que é pensado.

Assim sendo, na conjuntura moderna, enfatizam-se os princípios matemáticos e científicos, com os quais se elucida o critério lógico do pensamento segundo o qual o saber humano assume um caráter repetitivo, a saber:

O factual tem a última palavra, o conhecimento regride-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Ou seja, quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.34)

Em vista disso, percebe-se que o esclarecimento do mundo moderno assume características dos mitos, pois ambos visam à autoconservação, sofre pânico, apreensão e anseiam pelo desejo de sobrevivência diante dos perigos da natureza e do próprio homem. Nota-se que o esclarecimento renunciou e afastou do seu objetivo, isto é, o propósito de uma sociedade emancipada e autônoma resultou em uma espécie de barbárie marcada pela regressão do próprio esclarecimento à mitologia da qual não foi possível se libertar. Em outras palavras, segundo Adorno (1995, p.11) a razão que visava à emancipação do sujeito tinha o “sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação da humanidade”.

Com efeito, em tal cenário, a natureza humana é sacrificada, e é despertada a frieza. Para Gruschka (2014, p.70), “a libertação da frieza só é obtida após a passagem por ela” e, para que isso aconteça o sujeito esclarecido procura garantir sua autopreservação, assumindo uma identidade de governo, comando, frio, indiferente, astuto e ao mesmo tempo ele também é capaz de conter os impulsos para garantir sua sobrevivência. Para Gruschka (2014, p.72), os “homens em si não são frios, mas sim as condições nas quais são obrigados a viver”.

Ora, Adorno e Horkheimer identificam a figura de Ulisses como sendo o protótipo do homem moderno. Cabe salientar que todo processo de composição da sociedade moderna não advém de uma linearidade, pelo contrário, a formação do homem moderno, juntamente com a subjetividade traz para o contexto do presente os acontecimentos de outrora, isto é, conforme apresentado anteriormente, no conceito esclarecimento há um entrelaçamento entre o mito e o esclarecimento. Desse modo, o retorno de Ulisses para Ítaca revela a epopeia homérica marcada pelo espírito arcaico mitológico conjuntamente com o sujeito moderno esclarecido.

Sabe-se também que o herói Ulisses vence a guerra de Troia e tem como propósito voltar para Ítaca a fim de assumir seu trono; entretanto, sua volta é marcada por um caminho penoso, onde se depara com muitos obstáculos e perigos que exigem certa prudência para superá-los. Em outras palavras,

A oposição do ego sobrevivente às múltiplas peripécias do destino exprime a oposição do esclarecimento ao mito. A viagem errante de Troia a Ítaca é o caminho percorrido através dos mitos por um eu fisicamente muito fraco em face das forças da natureza e que só vem a se formar na consciência de si. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.49)

A partir disso, cabe destacar a elucidação da proto-história que permeia a subjetividade da sociedade moderna. Tal subjetividade enfatiza a figura do sujeito esclarecido. A figura de Ulisses representa o astucioso homem moderno esclarecido, que segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.50) “se perde a fim de se conservar”. Em outras palavras, possui aptidões que fazem com que sobreviva diante dos obstáculos, que domine e controle a natureza e os outros seres que se apresentam diante dele. Nota-se, na figura de Ulisses, mais duas características da frieza, tratam-se da dominação e exploração. ”Soma-se a isso, a frieza caracterizada por Bacon estaria evidente na atitude humana onde tortura a natureza e obriga a natureza a conceder o que você quer dela.”

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. As múltiplas coisas que, segundo Bacon, ele ainda encerra nada mais são do que instrumentos: o rádio, que é a imprensa sublimada; o avião de caça, que é uma artilharia mais eficaz; o controle remoto, que é uma bússola mais confiável. [...] Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é o suficientemente duro para destruir os mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.18)

A característica do herói homérico de Ulisses corresponde à utilização do domínio de si mesmo, isto é, o autocontrole do eu diante das forças da natureza, controlando seus impulsos e desejos. Assim sendo, tornam-se uma alegoria do homem esclarecido, ou seja, faz um uso eficaz da racionalidade e calculabilidade. Ademais, Ulisses percorre um caminho entre a troca e o sacrifício, a saber:

Todas as ações sacrificiais humanas, executadas segundo um plano, logram o deus ao qual são dirigidas: elas o subordinam ao primado dos fins humanos, dissolvem seu poderio, e o logro de que ele é objeto se prolonga sem ruptura no logro que os sacerdotes incrédulos praticam sobre a comunidade crédula. A astúcia tem origem no culto. O próprio Ulisses atua ao mesmo tempo como vítima e sacerdote. Ao calcular seu próprio sacrifício, ele efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. O que Ulisses faz é tão somente elevar à consciência de si a parte de logro inerente ao sacrifício, que é talvez a razão mais profunda para o caráter ilusório do mito. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.51)

Considerando essas características de Ulisses, outra narrativa a ser analisada é referente ao episódio do *nostos* que tem como narrativa os lotófagos, os comedores de lótus. A ingestão da planta de lótus, assim como o canto das Sereias, leva o indivíduo a sucumbir. Entretanto, o efeito da planta atinge a memória, isto é, o esquecimento e autodestruição da vontade. Em outras palavras, saborear a planta de lótus impele “um desejo de não querer voltar para casa e ficar na companhia dos lotófagos, colhendo o lótus e esquecido da pátria”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.59)¹².

Diante dessa situação, a racionalidade e a particularidade de Ulisses são vistas através da sua ação, isto é, ao ver os seus servos em uma mera aparência de felicidade, em um estado apático e vegetativo, tem como conduta que se deve superar esse sofrimento. O herói não quer permanecer entre os lotófagos e estabelece um contexto de injustiça, ou seja, a medida tomada por Ulisses advém da dominação. A fim de superar a natureza, através da interiorização emergente, para não colocar em risco a razão instrumental, “o servo permanece subjugado no corpo e na alma” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.40).

Desse modo, objetivando a autoconservação, Ulisses delibera sobre o destino dos seus servos, como vemos em: “mas eu os trouxe de novo à força, debulhados em lágrimas, para as naus, arrastei-os para os navios espaçosos e amarrei-os debaixo dos bancos” (ADORNO;

¹²O termo *Nostos* – refere-se ao retorno do herói Ulisses após a Guerra de Troia. No decorrer do seu itinerário será necessário vencer os desafios e, por conseguinte, preservar a sua vida e também sua consciência.

HORKHEIMER, 1985, p. 60). Constata-se assim, o caráter da dominação da natureza como também a dominação dos servos.

Em seguida, o astucioso Ulisses é arremessado ao ciclope Polifemo, também conhecido como “celerados dos sem lei”. Nesse episódio, representa-se “uma era posterior dos lotófagos, uma era propriamente bárbara, dos caçadores e pastores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.60). Ulisses apresenta um sofisticado duplo de seu nome, isto é, um nome falso onde afirma ser “Oudeis” imita o nome “Odysseus” e ao traduzir do grego é definido como Ninguém.

Diante dessa astúcia do nome, percebe-se um jogo de palavras, em que é possível identificar um som semelhante entre Odysseus (Ulisses) e Oudeis (Ninguém). Sendo assim, para que o bárbaro logrado escapasse da armadilha, foi necessário estabelecer um cálculo em que “o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.63)

Outro episódio retoma a história mágica de Circe, que, por sua vez, também vai de encontro ao declínio do sujeito esclarecido e também causa esquecimento. Vejamos: “a magia desintegra o eu que volta a cair em seu poder e assim se vê rebaixado a uma espécie biológica mais antiga. Mas a força dessa dissolução é, mais uma vez, a do esquecimento”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.64).

Conforme apontado por Adorno e Horkheimer (1985, p.64), a deusa “induz sedutoramente os homens a se abandonarem à pulsão instintiva”. Assim como os lotófagos, Circe não interfere fatalmente em seus hóspedes. O ritual que Circe realiza faz com que os companheiros de Ulisses se transformem em animais domésticos impuros, porcos.

Tal contexto permite voltarem-se as análises para questões de gênero, à dominação a que as mulheres ficam submetidas na sociedade. Isto é, a imagem do porco se permite identificar pelo nariz no chão, a renúncia de andar ereto e caracteriza a impotência feminina marcada pela submissão: “é como se a hetaira encantadora repetisse no ritual a que submete os homens o ritual ao qual ela própria é o tempo todo submetida pela sociedade patriarcal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.65).

A conduta de Ulisses diante desse episódio assume a forma de uma troca garantida por contratos. Assim sendo, para resistir à magia de Circe e garantir a autoconservação, Ulisses dorme com a deusa. Cabe destacar que, antes de realizar tal ação, Ulisses exige que a deusa profira o grande juramento dos bem-aventurados, tendo em vista que “o juramento deve proteger o homem da mutilação, da vingança para a proibição da promiscuidade e para a dominação masculina”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.66).

Nas palavras de Gruschka,

Na transição da lenda para a história, ela [Circe; N.A] presta uma contribuição decisiva à frieza burguesa. Seu comportamento pratica a proibição do amor, que posteriormente se impôs ainda mais fortemente, quanto mais o amor, enquanto ideologia fora obrigado a dissimular ódio dos concorrentes. No mundo da troca está errado quem dá mais; porém o amante é sempre o que ama mais. Enquanto o sacrifício que ele faz é glorificado, zela-se com ciúme, que o amante não seja poupado do sacrifício. É exatamente no próprio amor que o amante é injustiçado e punido. A incapacidade para o domínio sobre si mesmo e sobre os outros, o que comprova o seu amor, é razão suficiente de forma ampliada. Até mesmo nas mais delicadas ramificações do sentimento, o mecanismo se impõe até que o próprio amor, para ainda poder chegar até o outro, é impelido de tal maneira para a frieza, que ele se desfaz na própria realização. (GRUSCHKA, 2014, p.49-50)

Nessa narrativa, percebemos um claro momento em que a frieza se impõe sobre o universo do sentimento e o controle que Ulisses exerce graças a esse autodomínio que, nada mais é, do que o processo de constituição do eu caracterizado pela renúncia e dominação da natureza em si mesmo. Tal episódio deixa em evidência a ideia do contrato e conseqüentemente retoma outro fato que apresenta características comuns, isto é, trata-se da imagem de Penélope, em que a figura feminina ocupa uma posição de submissão, a saber:

A prostituta e a esposa são elementos complementares da autoalienação da mulher no mundo patriarcal: a esposa deixa transparecer prazer com a ordem fixa da vida e da propriedade, enquanto a prostituta toma o que os direitos de posse da esposa deixam livre e, como sua secreta aliada, de novo o submete às relações de posse, vendendo o prazer. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.67)

A última etapa desse itinerário de Ulisses retoma a figura de Hades. O aventureiro enxerga imagens matriarcais; enxerga a figura da própria mãe e as heroínas. Entretanto, tal imagem é impotente, cega e muda e faz com que este perceba que a terra prometida não é um reino arcaico de imagens. Sendo assim, Ulisses

[...] se livra delas depois de tê-las reconhecido como mortas e de tê-las afastado, com o gesto imperioso da autoconservação, do sacrifício que só oferece a quem lhe concede um saber útil para sua vida, na qual o poder do mito só continua a se afirmar como imaginação transposta para o espírito. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.68)

Diante de todas as aventuras vivenciadas por Ulisses, Gruschka (2014, p.66) afirma que é possível notar a “frieza, cuja vítima e agente cada um é, força a insensibilidade da

identidade a seguir os caminhos da autopreservação.” E, ainda, o que mais ecoa na consciência Ulisses é a saudade e o retorno à pátria. Para o protótipo do indivíduo burguês, a pátria é o estado de quem escapou e conseguiu vencer a si mesmo e às armadilhas da natureza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indubitável a importância das contribuições de Adorno e Horkheimer nos estudos do pensamento moderno. Ora, eles apresentaram um diagnóstico que possibilitou o entendimento da modernidade vigente, trazendo questões que abarcam o campo humano, atrelando-se aos sistemas políticos, ao pensamento racional, ao pensamento místico e às superstições entre outras vicissitudes que abrangem o contexto social, além disso, esse pensamento crítico ainda permanece atual.

A *Dialética do Esclarecimento* explicitou qual era a pretensão da civilização moderna, a saber: tinha como propósito livrar-se dos pensamentos místicos e possibilitar o surgimento de um homem emancipado, alicerçado pelo pensamento racional crítico. Entretanto, todo esse projeto do esclarecimento acabou levando a civilização moderna ao seu próprio declínio, isto é, nota-se, que na modernidade há uma série de fatores que impedem a humanização: nazismo, fascismo, barbárie, antissemitismo, técnica, dominação, alienação, sociedade capitalista. Para Gruschka (2014, p.39) são sintomas da frieza que revela uma “atitude imoral diante da desgraça e dos sofrimentos dos homens”.

Esse é o rumo que a pesquisa científica tomou na sociedade, a busca pela verdade, pelo conhecimento verdadeiro ocasionou uma frieza que brotou a partir da cientifização das coisas, uma noção positivista que caracteriza a ciência como o oráculo moderno, onde o homem esclarecido possui aptidões que faz com que ele domine e controle a natureza e os outros seres que se apresentam diante dele, o que exalta ainda mais o estado de frieza, de barbárie, ancorando-se no sofrimento.

O conceito de frieza para pensar a modernidade está evidenciado, portanto, na solidificação de uma civilização emancipada onde a base é o esclarecimento, este que impulsiona a mudança na sociedade moderna e objetiva à sobrevivência humana, acabou ao mesmo tempo impondo a barbárie aos homens,

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. *Educação e Emancipação*. In: ADORNO, T.W. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.
- FACCI, Douglas Tadeu da Silva; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. *Frieza burguesa: apontamentos para uma teoria da formação da subjetividade moderna*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 41, n. 1, p. e38952-e38952, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v41i1.38952>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- FREUD, S. (1930) “*O mal-estar na civilização*”. Em: *Obras completas volume 18*. (Trad. P. C. de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMES, Luiz Roberto. *Teoria crítica da sociedade e o sentido político da educação*. Linhas Críticas, v. 16, n. 31, p. 239-258, 2010.
- GRUSCHKA, Andreas; et al. *Frieza Burguesa e Educação: A Frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.
- KANT, I. Resposta à pergunta: *O que é o esclarecimento?*; texto original. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*, Berlinische Monatsschrift, Berlim, 1783. Disponível em: <https://www.airtonjo.com/download/Kant-Esclarecimento.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- NIETZSCHE, Friedrich . *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.
- PUCCI, Bruno. *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, Cadernos IHU ideias, São Leopoldo, Editor da Unisinos, ano 10, n.172, 2012, p.1-16.
- SANTOS, F.C.N. *O percurso do esclarecimento: uma análise a partir da obra Dialética do Esclarecimento de T.W. Adorno e M. Horkheimer*. *Revista EROS*,ano 1, n. 1, p. XX,out.-dez. 2013.p. 129-142.

ANEXO A**JEFFERSON DA COSTA MOREIRA****5 - PLANO DE CURSO**

Plano de Curso de Filosofia para o ensino médio apresentado a Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH da UFLA, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

LAVRAS-MG**2021**



Disciplina: Filosofia

Professor: Jefferson da Costa Moreira

Turma: 2º ENSINO MÉDIO

5.1 Introdução e Justificativa

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é composta pelas seguintes disciplinas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Ensino Médio essas disciplinas propõem que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade (BNCC, 2017 p.547).

Ora, segundo a BNCC esse diálogo deve acontecer com o Outro, isto é, na relação docente e discente, discente e discente e também deve estabelecer um diálogo com as tecnologias. E, para exercer esse diálogo, consideram-se importantes algumas categorias que são fundamentais para a formação dos estudantes, isto é, para estabelecer o diálogo deve-se considerar e problematizar assuntos que tratam do

Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética e Política e Trabalho. Cada um destes pode ser desdobrado em outras e/ou ainda analisado à luz das especificidades de cada região brasileira, de seu território, da sua história e da sua cultura. (BNCC, 2017, p.549).

Através desses assuntos e do diálogo há a possibilidade para o protagonismo juvenil, onde o estudante pode demonstrar suas habilidades sejam elas “[...] textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.”; recorrer e selecionar as distintas formas de registros, “[...] valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.) e estimular práticas voltadas para cooperação” (BNCC, 2017, p.549).

Na obra intitulada *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico*, de Alejandro Cerletti (2008) ele pontua que “não é possível criar [Filosofia] a partir do nada e o que fazem os filósofos é bem mais que recriar os seus temas e reconstruir os seus problemas”

(CERLETTI, 2008, p.32). Ora, a Filosofia e a pergunta filosófica requerem uma atitude/intenção, onde é necessário refazer as perguntas que outros pensadores fizeram, olhar o passado para projetar o futuro, inventar novos questionamentos. Em outras palavras, tal atitude filosófica consiste na repetição criativa onde se elucida: a história da Filosofia, estratégias argumentativas, técnicas de formulação de conceitos, condições históricas de surgimento de problemas, entre outras. Somado a isso, poderíamos considerar que a repetição criativa nos elucida algo diferente, isto é, exibe um aparecimento de novos elementos, de paradigmas.

Por esse ângulo, a Filosofia poderia ser, de acordo com Cerletti (2008, p. 34) “[...] identificada pelo jogo permanente daquilo que afirma e o que põe em dúvida; por essa tensão entre a afirmação, a oposição e a criação”. Ademais, a Filosofia consiste em um reviver, reformular, além disso, evidencia que o exercício filosófico pode ser considerado como uma decisão de reorganizar o existente a partir de novas decisões normativas, atingindo o particular, apropriando-se dele e também o transformando.

O que faz com que uma pergunta ou questionamento seja filosófico? Poderíamos perguntar “o que é a vida?”; “o que é a justiça?”, tais questões seriam respondidas tendo como suporte teórico a ciência médica e a ciência jurídica, e isso seria suficiente para satisfazer a inquietude. Ora, a Filosofia é uma atividade filosófica que pode ser considerada como uma meditação, reflexão seja no plano individual, como também no coletivo; pode-se considerar como um treinamento ou até mesmo um exercício espiritual filosófico. Tal atividade consiste em perguntas filosóficas, onde a intenção/atitude é a característica principal, ou seja: “o perguntar filosófico pretende enriquecer o sentido do questionamento e universalizar a dimensão das respostas”(CERLETTI, 2008, p.24).

Poderíamos dizer também que o ensino de Filosofia consiste em: uma reflexão filosófica que tem um propósito; um exercício do pensamento crítico; uma disciplina que busca a essência das coisas, ontológicas, lógicas e epistemologicamente; conhecimento racional demonstrado; que busca o sentido da existência; que trabalha com a genealogia dos conceitos, isto é, o que é o x – de onde surgiu o x; numa perspectiva aristotélica seria a busca pelas causas e princípios; pensar acerca da via categorial e via física, diria Parmênides; ou até mesmo um estudo acerca do problema do mal, segundo Agostinho. Nas análises feitas por Cerletti podemos salientar que: [...] “o ensino de Filosofia implica numa atualização cotidiana de muitos elementos, que envolvem de maneira singular seus protagonistas (professores e estudantes) a Filosofia posta em jogo e o contexto em que esse ensino tem lugar”. E, ainda, “[...] um bom professor ou boa professora de Filosofia será

aquele que possa levar adiante, de forma ativa e criativa essa construção” (CERLETTI, 2008, p.8).

Em vista disso, para elaborar esse plano de curso privilegiou-se a metodologia bibliográfica, detendo-se em obras que compõe a História da Filosofia, abordando respectivamente a Filosofia Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Como também foram utilizadas as competências e habilidades que são sugeridas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Assim, considerando que a disciplina de Filosofia possui apenas uma aula semanal, considerou-se nesse plano de curso a seguinte divisão: 08 aulas por bimestre, o que resulta em um total de 32 aulas em todo o ano letivo. Com relação aos temas do bimestre, foram divididos da seguinte forma: a obra intitulada *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles será abordada no primeiro bimestre; *O Livre Arbítrio*, de Agostinho será a temática do segundo bimestre; seguida por *Projeto de uma psicologia*, de Freud, assunto do terceiro bimestre; e por fim, *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer e *Frieza Burguesa e Educação: a frieza como mal-estar da cultura burguesa na educação*, de Andreas Gruschka, serão reflexões do quarto bimestre.

5.2 Objetivo Geral

Levar aos alunos do 2º ano do Ensino Médio a apresentação e problematização da História da Filosofia considerando as temáticas que são recomendadas na BNCC, a saber, Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética e Política e Trabalho. E, a partir disso, abrir espaço para o protagonismo dos alunos durante as aulas, onde o estudante terá a oportunidade de demonstrar suas habilidades nas mais distintas linguagens, bem como será estimulado a conhecer e eleger distintas formas de registros, compreender a importância dos trabalhos de campo, tais como entrevistas, observação, consultas a acervos históricos, entre outros, sempre valorizando no ambiente de aprendizagem as práticas cooperativas.

5.3 Objetivos Específicos

- ✓ Construir uma relação dialógica entre discente e docente;
- ✓ Buscar o equilíbrio entre a fala e a escuta;
- ✓ Refletir sobre política, economia, sociedade e cultura;

- ✓ Analisar o desenvolvimento educacional e científico ocorrido ao longo dos anos;
- ✓ Observar como está organizada a estrutura da sociedade;
- ✓ Promover rodas de conversas inclusivas e democráticas;
- ✓ Compreender os principais conceitos Filosóficos;
- ✓ Ler e Analisar textos Filosóficos;
- ✓ Relacionar a História da Filosofia com a ciência, a tecnologia e a ética.

5. 4 Esquema Geral do Plano de Curso

<u>1º Bimestre</u>
Aula 1: Apresentação da Disciplina; Início do Bimestre: Quem foi Aristóteles e quais as suas principais Obras?
Aula 2: Introdução: A Noção de Felicidade em Aristóteles
Aula 3: O Supremo Bem – parte I
Aula 4: O Supremo Bem – parte II
Aula 5: Apresentação dos Seminários e entrega dos Textos
Aula 6: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre
Aula 7: Avaliação Bimestral
Aula 8: Recuperação.
<u>2º Bimestre</u>
Aula 9: Quem foi Agostinho de Hipona? Quais suas obras?
Aula 10: O problema do mal – parte I
Aula 11: O problema do mal – parte II
Aula 12: Visita Técnica
Aula 13: Entrega dos relatórios da entrevista e debate sobre a origem do mal em Agostinho e sobre a opinião das pessoas entrevistadas
Aula 14: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre
Aula 15: Avaliação Bimestral
Aula 16: Recuperação
<u>3º Bimestre</u>
Aula 17: Que foi Sigmund Freud? Quais suas principais obras?
Aula 18: A Psicologia de Freud
Aula 19: A Vivência de Satisfação segundo Freud
Aula 20: O mal-estar na cultura
Aula 21: Apresentação dos Seminários e entrega dos Textos
Aula 22: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre
Aula 23: Avaliação Bimestral
Aula 24: Recuperação
<u>4º Bimestre</u>
Aula 25: Quem foi Adorno e Horkheimer? Quais suas principais obras?
Aula 26: O Conceito de Esclarecimento
Aula 27: O Conceito de frieza
Aula 28: Filosofia e Cultura – parte I: será apresentado o filme “O Menino do Pijama

Listrado” (2008);
Aula 29: Filosofia e Cultura – parte II: entrega dos resumos sobre o filme e debate relacionando o conteúdo das aulas com o filme
Aula 30: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre
Aula 31: Avaliação Bimestral
Aula 32: Recuperação

5.5 Descrição detalhada das aulas

1º Bimestre

Competência a ser desenvolvida:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 570)

Habilidades a serem desenvolvidas:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (BRASIL, 2018, p. 572)

Proposta de Conteúdo

Aula 1: Apresentação da Disciplina; Início do Bimestre: Quem foi Aristóteles e quais as suas principais obras? **Resumo:** Na Filosofia Antiga temos o pensador Aristóteles como um importante filósofo que contribuiu em estudos e investigações no campo da lógica, da filosofia da natureza e da filosofia prática. Entre suas principais obras, encontram-se: *Organon; Política”; Retórica; Poética; Ética a Nicômaco;* dentre outras.

Aula 2: Introdução: A Noção de Felicidade em Aristóteles. **Resumo:** Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta sua noção de felicidade (eudaimonia) onde afirma que “[...] toda a perícia e todo o processo de investigação, do mesmo modo todo o procedimento prático e toda a decisão, parecem lançar-se para certo bem. É por isso que tem sido dito acertadamente que o bem é aquilo por que tudo anseia” (ARISTÓTELES, 1094a.). Trata-se de um fim elevado relacionado à prática, a certo tipo de vida, sem que ele se identifique de maneira estrita ao prazer, mas também sem que afaste qualquer forma de prazer. Em outras palavras, a ética teleológica aristotélica ressalta que a essência da natureza humana é caracterizada por ações que tem uma finalidade, isto é, toda ação acaba gerando uma consequência. Dessa forma, temos como questão: qual seria o mais extremado dos bens obtido pela ação humana?

Aula 3: O Supremo Bem – parte I. **Resumo:** Segundo Aristóteles toda ação visa um bem maior e conseqüentemente possui um fim último, a saber: “[...] esse fim será o bem e na verdade, o bem supremo” (Aristóteles, 1094a1). O estagirita, ao nomear os mais extremos dos bens que pode ser obtido pela ação humana, ressalta que a maioria e os mais sofisticados dizem que esse bem é a felicidade, a saber: “Supõem que ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem” (ARISTÓTELES, 1095a 14). **Observação:** teremos nessa aula a Organização dos Seminários: os discentes serão divididos em 4 grupos e cada grupo ficará responsável por pesquisar sobre outras obras da Filosofia de Aristóteles, a saber: *Organon*; *Política*; *Retórica*; *Poética*; caberá aos discentes produzir um pequeno texto escrito sobre as obras e posteriormente apresentar os principais assuntos de cada obra.

Aula 4: O Supremo Bem – parte II; **Resumo:** Para Aristóteles, a felicidade parece ser de uma completude plena e é autossuficiente, considerando assim como sendo o fim último de todas as ações possíveis. Em outras palavras, a noção de felicidade de Aristóteles caracteriza como sendo o Sumo Bem, isto é, “o melhor dos bens” e assim sendo, faz-se necessário ter um saber supremo e para o estagirita a ciência superior é exercida pela Política. Diante disso, cabe destacar que as ações humanas e a busca pelo bem não é alcançada no plano individual, mas sim no coletivo, isto é, se a pólis é feliz e vive bem o indivíduo também será feliz e viverá bem.

Aula 5: Apresentação dos Seminários e entrega dos Textos; cada grupo terá em torno de 10 minutos para apresentar os conteúdos estudados e o resumo da obra pesquisada.

Aula 6: Revisão dos conteúdos abordados no Bimestre.

Aula 7: Avaliação Bimestral.

Aula 8: Recuperação.

Recursos Metodológicos

O desenvolvimento desta aula dar-se-á pela exposição do tema proposto por meio de aula expositiva dialogada, com apontamentos na lousa e também contará com a utilização de um Datashow.

Avaliação do aprendizado

A avaliação acontecerá no decorrer da aula, observando as participações dos(as) estudantes, como também serão propostas leituras, produções de textos, apresentações de trabalhos e debates. O Bimestre está dividido em 25 pontos que serão subdivididos em:

- ✓ Participação e Presença - 5 pts.
- ✓ Produção de Texto Dissertativo - 10 pts.
- ✓ Apresentação do Seminário e entrega do Texto - 10 pts.
- ✓ Estratégia de Recuperação: O discente terá como atividade a produção de um texto com a seguinte temática: Explique a noção de Felicidade em Aristóteles – produção de um texto com o máximo de 20 linhas.

2º Bimestre

Competência a ser desenvolvida:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 570)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça,

preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BRASIL, 2018, p. 570)

Habilidades a serem desenvolvidas:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. (BRASIL, 2018, p. 577)

Proposta de Conteúdo

Aula 9: Quem foi Agostinho de Hipona? Quais suas obras? **Resumo:** Na Filosofia Medieval, identificamos as contribuições de Agostinho de Hipona, que foi teólogo, filósofo e influenciou o pensamento cristão no período medieval e a filosofia patrística. Suas principais obras são: *Confissões*, *O Livre Arbítrio*; *Da Cidade de Deus*; *Da Trindade*.

Aula 10: O problema do mal – parte I; **Resumo:** Detendo-se na obra *O Livre Arbítrio*, Agostinho apresenta uma questão acerca da origem do mal. Essa problemática a respeito do mal provocou uma inquietude em Agostinho e foi possível investigá-la ao longo do tempo a partir de diversas perspectivas sejam elas filosóficas, políticas, éticas, morais, e principalmente religiosa.

Aula 11: O problema do mal – parte II; **Resumo:** O estudo acerca do problema do mal inaugura uma investigação que destaca as seguintes questões: O mal existe? Se existe qual a sua origem? Será Deus o autor do mal? O mal existe por ter nos sido ensinado? A partir disso, Agostinho estabelece um diálogo com Evódio buscando assim uma resposta satisfatória para a existência e origem do mal. Para Agostinho, a existência do mal não está ligada a Deus, isto é, a origem do mal não advém de Deus, por isso é necessário buscar qual a origem do mal e como ele está presente no mundo.

Aula 12: Visita Técnica: realizaremos uma visita aos principais templos religiosos da cidade onde caberá os discentes divididos em 4 grupos, dialogarem com as pessoas desses locais, perguntando acerca da origem do mal; Além da entrevista, os discentes poderão também utilizar câmera para fotografia, caneta e caderno para anotações.

Aula 13: Entrega dos relatórios da entrevista e debate sobre a origem do mal em Agostinho e sobre a opinião das pessoas entrevistadas.

Aula 14: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre.

Aula 15: Avaliação Bimestral.

Aula 16: Recuperação.

Recursos Metodológicos

O desenvolvimento desta aula dar-se-á pela exposição do tema proposto por meio de aula expositiva dialogada, com apontamentos na lousa; também contará com o uso do Datashow e com uma pesquisa de campo realizada fora do espaço da escola. Além disso, será realizada uma visita técnica e cultural, onde poderão ser utilizados o diálogo, câmera para fotografia, caneta e caderno para anotações.

Avaliação do aprendizado

A avaliação acontecerá no decorrer da aula, observando as participações dos(as) estudantes, como também serão propostas leituras, produções de textos, apresentações de trabalhos e debates. O Bimestre está dividido em 25 pontos, subdivididos em:

- ✓ Participação e Presença - 5 pts.
- ✓ Produção de Texto Dissertativo - 10 pts.
- ✓ Entrega do Relatório da Visita Técnica e Cultural - 10 pts.
- ✓ Estratégia de Recuperação: O discente terá como atividade a produção de um texto falando acerca da Origem do Mal a partir de Santo Agostinho – texto no máximo de 20 linhas.

3º Bimestre

Competência a ser desenvolvida:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 570)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BRASIL, 2018, p. 570)

Habilidades a serem desenvolvidas:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CH105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicando suas ambiguidades. (BRASIL, 2018, p. 572)

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 577)

Proposta de Conteúdo

Aula 17: Quem foi Sigmund Freud? Quais suas principais obras? **Resumo:** Na Filosofia Moderna identificamos a contribuição de Sigmund Freud, pesquisador, médico, criador da

Psicanálise que contribuiu em diversas áreas do pensamento, a saber: Medicina, Educação e Filosofia. Seus estudos e teorias apresentam uma nova ótica do ser humano, detendo-se principalmente nos problemas psíquicos. Entre suas principais obras, encontram-se: *Estudo sobre Histeria* (1895); *A interpretação dos Sonhos* (1899); *Totem e Tabu* (1913); *O Inconsciente* (1915); *O Ego e o Id* (1923); *Neurose e Psicose* (1924); *Projeto de uma psicologia* ([1895]1950); *O Mal-Estar na Civilização* (1930), entre outras.

Aula 18: A Psicologia de Freud; **Resumo:** Uma das reflexões presentes no *Projeto de uma Psicologia* (1985) de Freud destaca que em cada indivíduo que compõe a sociedade, há um motor da vivência de satisfação que “está ligada ao “estado de desamparo original do ser humano” (LAPLANCHE, PONTALIS, 1967, p. 531), isto é, a experiência de satisfação ocorre, pois, há um desejo primário, inconsciente, que busca sua satisfação em sua fonte, que é o objeto. A partir disso, o indivíduo estabelece uma relação entre desejo e objeto. Nota-se também que há uma ação específica no mundo externo, de uma pessoa exterior, por exemplo: quando se tem fome é necessário o “aprovisionamento de alimento”; ou através da sexualidade, onde se busca uma “proximidade do objeto sexual”. Deste modo, “o organismo pode então suprimir a tensão” (LAPLANCHE, PONTALIS, 1967, p. 531).

Aula 19: A vivência de satisfação; **Resumo:** A vivência de satisfação está ligada a questão do desejo e do prazer. E, segundo a Psicanálise, não existe uma satisfação total, sendo toda satisfação parcial. Ademais, cabe destacar que nosso aparelho psíquico está a todo o momento buscando o equilíbrio na relação entre buscar o prazer para evitar o desprazer. Assim, constantemente o indivíduo buscará a negação desse desprazer, isto é, tudo aquilo que o indivíduo busca na vivência de satisfação é para negar o desprazer. Em outras palavras, essa busca incessante de satisfação é para eliminar a vivência de insatisfação.

Aula 20: O mal-estar na cultura; **Resumo:** Um ponto que podemos destacar nos estudos freudianos está ligado ao problema da limitação da sexualidade e da agressividade para a existência da cultura. Segundo Freud a limitação dos indivíduos em vivenciar suas pulsões é primordial para garantir a sobrevivência, como também para garantir o bem-estar social. Em outras palavras, “o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 1930, p.82). Freud destaca que para existir a cultura é necessário impor “tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem” (FREUD, 1930, p.82), contribuindo assim no mal-estar na civilização. Nessa aula, os

discentes serão divididos em 4 grupos e cada grupo pesquisará a seguinte questão: Quais são os principais desafios que impede a boa convivência na Atualidade? Os discentes farão essa pesquisa e apresentaram na forma de texto e slides na próxima aula. Detalhe: Caso tenha desafios parecidos entre os grupos, não terá problema, pois o debate conduzirá que o desafio em comum é um dos grandes problemas da atualidade.

Aula 21: Apresentação dos Seminários e entrega dos Textos; cada grupo terá em torno de 10 minutos para apresentar os desafios da atualidade que impede a boa convivência.

Aula 22: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre.

Aula 23: Avaliação Bimestral.

Aula 24: Recuperação.

Recursos Metodológicos

O desenvolvimento desta aula dar-se-á pela exposição do tema proposto por meio de aula expositiva dialogada, com apontamentos na lousa; também contará com o uso de um Datashow.

Avaliação do aprendizado

A avaliação acontecerá no decorrer da aula, observando as participações dos(as) estudantes, além disso serão propostas leituras, produção de textos, apresentações de trabalhos e debates. O Bimestre está dividido em 25 pontos, que serão subdivididos em:

- ✓ Participação e Presença - 5 pts.
- ✓ Produção de Texto Dissertativo - 10 pts.
- ✓ Apresentação dos Seminários e entrega dos Textos - 10 pts.
- ✓ Estratégia de Recuperação: O discente terá como atividade a produção de um texto pontuando quais os principais desafios da nossa civilização contemporânea – texto com o máximo de 20 linhas.

Competência a ser desenvolvida:

<p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 570)</p>
<p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3: Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BRASIL, 2018, p. 570)</p>
<p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BRASIL, 2018, p. 570)</p>

Habilidades a serem desenvolvidas:

<p>(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 572)</p>
<p>(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (BRASIL, 2018, p. 572)</p>
<p>(EM13CH105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicando suas ambiguidades. (BRASIL, 2018, p. 572)</p>
<p>(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável. (BRASIL, 2018, p. 575)</p>
<p>(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das</p>

<p>culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis. (BRASIL, 2018, p. 575)</p>

<p>(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 577)</p>

Proposta de Conteúdo

Aula 25: Quem foi Adorno e Horkheimer? Quais suas principais obras?; **Resumo:** Na Filosofia Contemporânea, identificamos as contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ambos fazem parte da Escola de Frankfurt e apresentam reflexões acerca da Teoria Crítica da Sociedade. As filosofias desses frankfurtianos apresentam temáticas que refletem as ideias iluministas, o nazismo, a indústria cultural, dentre outros assuntos que envolvem política e sociologia. Entre as principais obras de Adorno encontram-se: *Filosofia da Nova Música* (1949); *Minima Moralia* (1951); *Dialética Negativa* (1966); *Teoria Estética* (1970); entre outras. As principais obras de Horkheimer são: *Materialismo e Moral* (1933); *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1937); *Eclipse da Razão* (1947), etc. Ambos pensadores escreveram juntos a obra intitulada *Dialética do Esclarecimento* (1947).

Aula 26: O Conceito de Esclarecimento. **Resumo:** Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer apresentam o percurso histórico do esclarecimento, caracterizado pelo conceito histórico-filosófico *Aufklärung*, que seria um “desencantamento do mundo”, isto é, segundo Adorno e Horkheimer a civilização moderna desata o nó da natureza desconhecida, liberta-se da força mítica da natureza e inicia a marcha da racionalização que avança no predomínio da Filosofia e da Ciência. Nessa aula vamos buscar entender “porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está afundando em uma nova espécie de barbárie”(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.11).

Aula 27: O Conceito de frieza. **Resumo:** Segundo Gruschka (2014, p.40), as contribuições de Horkheimer e Adorno são atuais, pois, eles, “retomaram os fenômenos social-filosóficos da frieza” e, ainda, “foram diagnosticadores insistentes da vida danificada”. Outra definição do conceito de frieza pode ser identificada na Sociologia, na obra *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, a frieza aliada à liquidez, ao individualismo.

Aula 28: Filosofia e Cultura – parte I: será apresentado o filme *O Menino do Pijama Listrado* (2008); Dir. Mark Herman; 1h30min. Como atividade avaliativa os discentes terão que fazer um resumo do filme e ainda teremos um debate na próxima aula.

Aula 29: Filosofia e Cultura – parte II: entrega dos resumos sobre o filme e debate relacionando o conteúdo das aulas com o filme.

Aula 30: Revisão dos conteúdos estudados no Bimestre.

Aula 31: Avaliação Bimestral.

Aula 32: Recuperação.

Recursos Metodológicos

O desenvolvimento desta aula dar-se-á pela exposição do tema proposto por meio de aula expositiva dialogada, com apontamentos na lousa; também contará com Datashow e o apoio de um recurso midiático disponível na plataforma Youtube.

Avaliação do aprendizado

A avaliação acontecerá no decorrer da aula, observando as participações dos(as) estudantes, além disso, serão propostas leituras, produção de textos, apresentações de trabalhos e debates. O Bimestre está dividido em 25 pontos, subdivididos em:

- ✓ Participação e Presença - 5 pts.
 - ✓ Avaliação Bimestral - 10 pts.
 - ✓ Relatório do Filme e Debate sobre o Filme - 10 pts.
 - ✓ Estratégia de Recuperação: O discente terá como atividade a produção de um poema ou música cuja temática será o conteúdo trabalhado no Bimestre.
-

5.6 Bibliografia Geral

ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

AGOSTINHO, Santo. *O Livre-arbítrio*, trad. Nair de Assis Oliveira, São Paulo: Paulus, 1995.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução do Grego de António de Castro Caeiro. São Paulo: Ed. ATLAS S.A, 2009. Livro I pp. 17-18.

Base Nacional Comum Curricular, BNCC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_Ensino_Medio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso aos: 13 de fev de 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Políticas de Ensino Médio. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/13558-politicas-de-ensino-medio>. Acesso aos: 13 de jul. de 2020.

CERLETTI, Alejandro. *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica Ed.2008. Coleção Ensino de Filosofia.

FREUD, S. (1930) “O mal-estar na civilização”. Em: *Obras completas volume 18*. (Trad. P. C. de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. ([1895]1950) “Projeto de uma psicologia”. Em: GABBI JR., O. *Notas a Projeto de uma Psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GALLO, Sílvio. *FILOSOFIA: Experiência do Pensamento*. São Paulo: Ed. Scipione, 2016:

GRUSCHKA, Andreas; et al. *Frieza Burguesa e Educação: A Frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967) *Vocabulário da psicanálise*. (Trad. P. Tamen). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação. *Novo Plano Curricular do Ensino Médio*. Belo Horizonte: SEE, 2006. Secretaria do Estado de Educação. *Conteúdo Básico Comum: CBC Filosofia*. Belo Horizonte: SEE, 2007.